

**O USO DE CARTAS NA APRESENTAÇÃO DE PESQUISA
CIENTÍFICA COMO POSSIBILIDADE DE INSUBORDINAR-SE
CRIATIVAMENTE**

***THE USE OF LETTERS IN THE PRESENTATION OF SCIENTIFIC
RESEARCH AS A POSSIBILITY OF CREATIVE INSUBORDINATION***

Fernanda Marchiori Grave¹

Clodis Boscaroli²

Rodolfo Eduardo Vertuan³

¹ Licenciada em Matemática pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR, 2009), Especialista em Metodologia do Ensino da Matemática e da Física pela UNINTER (2011) e Especialista em Educação Matemática UAB/UEPG (2013). Mestrado no Programa de Pós Graduação em Educação em Ciências e Matemática (PPGECM, 2017) da UFPR. Doutoranda pela UNIOESTE, no PPCECEM. Atualmente trabalha como professora (DE) do Instituto Federal do Paraná (IFPR), Campus Avançado Barracão. Atua na área de Educação, com ênfase em Educação Matemática. e-mail: fermgrave@gmail.com.

² Doutor em Engenharia Elétrica pela Universidade de São Paulo (USP, 2008), Mestre em Informática pela Universidade Federal do Paraná (UFPR, 2002), Bacharel em Informática e especialização em Ciência da Computação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG, 1996 e 1999, respectivamente). É também especialista em Formulação e Gestão de Políticas Públicas pela Escola de Governo do Paraná em parceria com a Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNOESTE, 2008). Professor Associado na UNIOESTE, campus de Cascavel, atua no Bacharelado em Ciência da Computação e como docente permanente no Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Educação Matemática (PPGECM) e no Programa de Pós-graduação em Ciência da Computação (PPGComp). e-mail: clodis.boscaroli@unioeste.br.

³ Professor do Magistério Superior da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Câmpus Toledo. Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação, Mestrado Profissional, em Ensino de Matemática (PPGMAT) da UTFPR, Londrina e Cornélio Procópio, desde agosto de 2015; do Programa de Pós-Graduação, Mestrado e Doutorado, em Educação em Ciências e Educação Matemática (PPGECM) da UNIOESTE, Cascavel, desde abril de 2017 e do Programa de Mestrado Profissional em Rede Nacional (PROFMAT) da UTFPR, Toledo, desde março de 2018. Possui Licenciatura em Matemática (2004), Especialização em Educação Matemática (2005), mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática (2007) e doutorado em Ensino de Ciências e Educação Matemática (2013) pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Foi diretor da regional do Paraná da Sociedade Brasileira de Educação Matemática de 2013 a 2019 e Diretor-Geral do Câmpus Toledo da UTFPR de 2018 a 2021. É coordenador do Grupo de Pesquisa em Educação e Educação Matemática (GEPEEM) e atua, principalmente, no curso de Licenciatura em Matemática do câmpus Toledo da UTFPR. Tem experiência na área de Educação Matemática com ênfase em Ensino e Aprendizagem da Matemática, especialmente nos temas Modelagem Matemática, Criatividade e Metacognição. e-mail: rodolfovertuan@yahoo.com.br.

RESUMO

Neste texto, discutimos a importância de nos insubordinarmos criativamente enquanto pesquisadores quanto à escrita e ao formato de apresentação de nossas pesquisas. Partindo do que pressupõe o Movimento da Insubordinação Criativa na Educação Matemática, trazemos reflexões sobre a necessidade de o Educador/Pesquisador se questionar sobre os padrões de escrita e de apresentação existentes em sua área e buscar espaços para produzir formas de fazer. O que desencadeia esse texto é, também, a necessidade de enriquecimento da discussão sobre o uso de cartas para apresentar uma pesquisa científica. Assim, apresentamos uma possibilidade do uso de cartas na apresentação de uma tese na Educação Matemática. Para tanto, exibimos uma justificativa para nossa escolha, partindo do que pressupõe a Insubordinação Criativa para, na sequência, tratar do uso de cartas em si, justificando os caminhos percorridos até chegarmos nesta proposta. O objetivo aqui é o de fomentar novas possibilidades de escrita e formato de apresentação de pesquisas e de identificar as contribuições quanto ao uso de cartas nessa atividade, em especial, quando se trata da dialogicidade que essa escolha pode trazer para pesquisador junto ao seu leitor.

Palavras-chaves: Insubordinação Criativa; Cartas na Pesquisa Científica; Dialogicidade.

ABSTRACT

In this text, we discuss the importance of our creative insubordination as scientific researchers, emphasizing the significance of challenging established norms in writing and presentation formats. Drawing inspiration from the Movement of Creative Insubordination in Mathematics Education, we bring up reflections on the need of the educator/researcher to critically assess prevailing standards in writing and presentations in their fields and seek spaces for innovative approaches. The discussion is motivated by the need to enhance dialogue on using letters as a medium for presenting scientific research. The article introduces a method for employing letters in a mathematics education thesis, providing a rationale rooted in the principles of Creative Insubordination. By delving into the use of letters, we propose alternative research communication methods, highlighting the potential for enriching dialogue between researchers and readers.

Keywords: Creative insubordination; Letters in scientific research; Dialogic.

INTRODUÇÃO

Quando usamos a expressão Insubordinação Criativa, nos amparamos nos estudos de D'Ambrosio e Lopes (2015), que nos convidam a, inspirados nesse movimento, reinventar tanto a prática como a pesquisa em Educação Matemática, no viés de uma atitude criativa independente, de rompimento com o estabelecido. Nesse contexto, discutimos a possibilidade de ousar criativamente na escrita e no formato de apresentação da pesquisa-e exploramos o uso de cartas como uma alternativa de formato insubordinado criativo de apresentação da pesquisa.

Em se tratando de Insubordinação Criativa, esse movimento se dá no viés de uma atitude criativa independente, de rompimento com o estabelecido, porém responsabilmente, “...em prol da melhoria e do bem-estar da comunidade educacional de modo a preservar princípios éticos, morais e de justiça social” (LOPES; D’AMBROSIO, 2015, p. 2), que surge a Insubordinação Criativa. Donde o professor, exercendo a sua autonomia, se insubordina às regras de maneira criativa, ou seja, interpreta, discorda, reflete, reorganiza a situação e atua subversiva e responsabilmente de maneira ética e habilidosa, em favor de uma melhor aprendizagem de seus estudantes (LOPES; D’AMBROSIO, 2015).

Pontuamos que a necessidade de uma forma não tradicional de apresentação da pesquisa se deu, de forma mais sólida, quando definimos a temática de pesquisa de tese da primeira autora deste texto: Insubordinação Criativa. Compreendemos que ao pesquisar um tema tão desafiador, criativo e irreverente, não faria sentido seguir os moldes padrões da academia, de escrita monográfica ou formato *multipaper*.

A escolha por apresentar a pesquisa usando cartas surge com o propósito de proporcionar ao leitor uma aproximação com a pesquisa em si, construindo uma dialogicidade⁴ entre o sujeito que pesquisa e o leitor, rompendo “[...] com a representação tradicional da pesquisa educacional nestas modalidades de trabalho acadêmico” (BARBOSA, 2015, p. 350).

Inicialmente, motivados pela obra de Paulo Freire e Ira Shor, “Medo e ousadia: o cotidiano do professor” (FREIRE; SHOR, 2008), enxergamos essa possibilidade. No livro, temos a característica latente que se constitui em um livro falado, algo com o qual nossa intenção de apresentação se alinha. No livro, os autores justificam—que o diálogo é, em si, criativo e recreativo e salientam que esperam que a obra tenha um estilo dançante, pois assim, podem ser ao mesmo tempo poéticos, divertidos e profundos.

⁴ Quando abordamos diálogo/dialogicidade aqui, estamos trazendo na perspectiva Freireana. Onde isso se dá naquilo que constitui a essência e a lógica de uma educação humanizada, pois é a condição humana. Assim, o diálogo/dialogicidade são palavras que carregam ação e reflexão. A atmosfera de diálogo proporciona a passagem da curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica (apelo à estética) relacionada aos objetos de conhecimento, sem a qual a reflexão em termos de teoria prática é impossível. Logo, isso se dá na proposta de educação humanista e libertadora.

Posteriormente, nos deparamos com a pesquisa de Fernandes (2011), que apresenta sua pesquisa escrevendo cartas, fugindo dos modelos usuais de elaboração textual da Academia e tornando sua forma de escrita e apresentação mais leve, intimista e próxima do leitor. Onde

A tese é composta por vinte capítulos, ou melhor, vinte cartas, como a autora-pesquisadora designa. Para iniciar a tese, Fernandes escreve uma Carta ao leitor: um prólogo em que se apresenta, expõe seus objetivos quanto à pesquisa, explica como surgiu a ideia de escrever uma tese por meio de cartas e quem é seu interlocutor, um historiador fictício. (FERNANDES, 2013, p. 1027).

Assim, acreditamos que as cartas podem estar carregadas de elementos que denunciam uma situação do mundo, em especial, ao imaginarmos o que podiam revelar quanto aos sentidos atribuídos a quem as escreve, seja no sentido de participação política, de resistência, seja quanto às subjetividades que expressavam, quanto às utopias que alimentam, seja pelas experiências em que se aprende cotidianamente, no incondicional inacabamento humano, como alerta Freire (1987).

35

Nessa linha de pensamento, Rezende (2019) afirma que a estética de um texto acadêmico não reflete somente nossas influências teóricas; ela é, antes de tudo, um meio de expressão. Assim sendo, a escolha por como escrever um texto não está relacionada apenas ao molde que se é cobrado, mas baseada em uma biblioteca de referências na qual nos nutrimos. Para tanto, nesta oportunidade de escrita, exibimos, inicialmente, nossa motivação de nos Insubordinarmos Criativamente quanto à apresentação da pesquisa. Posteriormente, trazemos algumas pesquisas consideradas Insubordinadas Criativas em um dos livros da coleção que versa sobre Insubordinação Criativa e, na sequência, tratamos da escrita de cartas em si, para então, por fim, abordarmos mais especificamente o que acreditamos que essa possibilidade de apresentação nos proporciona, uma dialogicidade com o leitor.

Logo, esse texto é também um convite para que outros pesquisadores, de diferentes áreas, possam insubordinar-se criativamente, na hora de tecer e apresentar suas pesquisas.

1. APRESENTANDO O MOVIMENTO DA INSUBORDINAÇÃO CRIATIVA

Garnica (2014), ao escrever a apresentação de uma das obras sobre Insubordinação Criativa lançadas por D'Ambrosio e Lopes (2014), afirma que:

Ainda que o conceito seja novo em sua elaboração, que a rubrica se mostre, até o momento, uma novidade, não será difícil encontrar entre nós, professores e pesquisadores, insubordinados criativos. Acreditando nisso as autoras inauguram, aqui, além dessa nomenclatura, uma coleção de textos que busca dar visibilidade e colocar às claras, sob quaisquer olhos, para escrutínio público, essas insubordinações criativas dispersas em nossa comunidade. O livro é, assim, marca registrada da evolução da área (GARNICA, 2014, p. 21).

Nesta obra especificamente, D'Ambrosio e Lopes (2014), trazem narrativas onde as protagonistas são mulheres e educadoras que vivem o desafio dessa profissão. A escolha por trazer apenas a presença feminina, se justifica pelo fato de que quando olhamos para quem são os educadores na Educação Básica, temos ali um universo quase que em totalidade, feminino.

Posteriormente, D'Ambrosio e Lopes (2015) nos apresentam com um texto que é um convite para reinventar o educador matemático: *Ousadia Criativa nas Práticas de Educadores Matemáticos*. Nele, elas tratam do surgimento da Insubordinação Criativa e afirmam que os primeiros estudos a respeito, surgem em 1981 por Morris, a partir de uma pesquisa etnográfica realizada em escolas de Chicago, que buscou identificar ações de tomada de decisão de diretores que transgrediram diretrizes superiores. Esse estudo revelou que alguns gestores acabavam desobedecendo ordens em prol da melhoria e do bem-estar da comunidade educacional, de modo a preservar princípios éticos, morais e de justiça social. D'Ambrosio e Lopes (2015), nos contam que Hutchinson (1990) fez um estudo com enfermeiros, em que apresentou a expressão subversão responsável, designando-a como uma forma de descumprir regras a favor do paciente, estipulando alguns momentos de ação, como por exemplo: avaliação da situação, previsão do melhor a ser feito, flexibilidade em relação às regras estabelecidas e finalização ética e social do procedimento.

Já em nosso país, o tema surge nos anos 1980 e 90, no campo da Educação Matemática, quando pesquisas ganharam notoriedade internacional. Como D'Ambrosio e Lopes (2015)

relatam, isso se deu no viés das pesquisas buscarem compreender e colocar-se em posição de enfrentar a injustiça social causada por décadas de exclusão política, educacional e segregação cultural.

É fato que depois de anos de pesquisas, de discussões e ações, sem esgotamento sobre o assunto na Educação Matemática, as temáticas relacionadas à justiça social com o olhar para o bem-estar do próximo transformam-se em um campo consolidado e fértil para estudos futuros. Neste contexto, nos Estados Unidos, Gutiérrez (2009) e, no Brasil, D'Ambrosio e Lopes (2014), se dedicaram para estudar e consolidar um novo campo de investigação: a Insubordinação Criativa no contexto da Educação Matemática. Onde, para D'Ambrosio e Lopes (2014), o conceito de subversão responsável é tomado como sinônimo de Insubordinação Criativa.

No Brasil, as pesquisadoras que recentemente se interessaram pela Insubordinação Criativa e se enveredaram nas suas pesquisas de doutorado nesse viés, quando olhamos para as produções na área da Educação Matemática, são: Luci Fátima Montezuma (2016), Gabriela Félix Brião (2017), Daniella Assemany (2020) e Josâne Geralda Barbosa (2020).

No âmbito educacional, ações de insubordinação criativa se destacam como parte de uma educação menor e, quando digo menor é no sentido de gueto; de luta, de resistência a ideias limitantes que reivindicam seu espaço pelo tempo com o qual sempre foram realizadas. Diante disso, percebemos que o movimento da Insubordinação Criativa inaugura um outro processo, tanto em forma quanto em consequências e que ela se sustenta em vários eixos: Criatividade, Autonomia, Cooperação, Ética, Solidariedade e Justiça Social; mas sempre como sendo uma ação em constante movimento. Por isso, gostamos de chamar de movimento da Insubordinação Criativa.

Então, ser um Educador Matemático Insubordinado Criativo é estar aberto ao novo e ser sensível aos sujeitos sociais com os quais compartilhamos as vivências de ser um Educador, sempre atento ao objetivo maior que tange a nossa função, ao novo contexto, ao novo estudante e suas especificidades na forma de aprender a Matemática e ainda, compreendendo que cada dia é único.

Nesse sentido, olhando para esse movimento da Insubordinação Criativa, acreditamos que estaremos sempre explorando as situações limite⁵, de modo a alcançarmos o inédito viável⁶. Assim, nunca estaremos totalmente prontos para todas as situações que iremos enfrentar em sala de aula, pois essas são diversas e cada qual, única em seu contexto. Então, não é possível eu me preparar de forma antecipada para cada uma delas. Por isso,

Fica evidente que obedecer às ordens e seguir normas e instruções não é a resposta para o grande desafio que é preparar as gerações para o futuro que desconhecemos. O futuro provoca em todos nós uma reflexão profunda e, muitas vezes, angustiante sobre como será o mundo, quando os alunos estiverem encarregados de conduzir todos os setores da sociedade. Eles deverão ter grande criatividade para propor soluções novas para os problemas novos e para isso não podem ter uma criatividade inibida. A prática docente para auxiliar nessa formação de novas gerações deve ser desinibida e criativa, mesmo que isso exija insubordinação docente (D'AMBROSIO, 2014, p. 16).

Ao mergulhar nesse movimento da Insubordinação Criativa, podemos pensar, também, sobre nos Insubordinarmos Criativamente enquanto pesquisadores, em que essa audácia investigativa possa nos liberar das amarras impostas pela academia, de modo que possamos, de algum modo, buscar um entendimento de que o rigor pode significar bloqueio: à criação, à superação de um olhar definido por lentes rígidas, à ruptura de paradigmas, ao prazer de encantar-nos com o novo, ao surpreender-nos com outras verdades.

Assumimos a perspectiva da insubordinação criativa na pesquisa, entendendo que o rigor na produção científica em Educação Matemática deveria pautar-se no atrevimento compromissado de gerar avanços nas pesquisas; em diferentes visões sobre uma mesma realidade e um mesmo contexto; na produção de uma fenda nas metodologias tradicionais; na compreensão sobre o sujeito de pesquisa como coautor na produção de conhecimento; na busca por entender conceitos emergentes em nossa área diante da antropologia, sociologia, filosofia, história... É preciso aventurar-se no diálogo com outras áreas. Enfim, ter clareza sobre a necessidade de redimensionar o que é fazer

⁵ A categoria “situação-limite” enunciada por Paulo Freire (1987), compreendemos não como “o contorno infraquezável onde termina as possibilidades, mas a margem real onde começam todas as possibilidades, não são a fronteira entre o ser e o nada, mas a fronteira entre o ser e o ser mais (mais ser).

⁶ O inédito-viável é uma categoria que encerra nela mesma toda uma crença no sonho e na possibilidade de utopia, na transformação das pessoas e no mundo. Sendo então, uma tarefa de todos.

uma boa pesquisa em prol de um sucesso que signifique o desenvolvimento de um novo conhecimento, que traga à sociedade humana novas esperanças de vida (D'AMBROSIO e LOPES, 2015, 375).

Assim, acreditamos que é necessário nos questionarmos de maneira Insubordinada Criativa, quanto a forma como lidamos com a escrita e a apresentação de nossas pesquisas; de modo a também empreendermos um estilo de escrita diferente, próprio, livre e insubordinado.

2. PESQUISAS CONSIDERADAS INSUBORDINADAS CRIATIVAMENTE

São muitas as teorias, concepções, abordagens e tendências que surgem no viés investigativo no que tange à Educação Matemática, nesse movimento de melhor compreender a nossa área. Mas, inicialmente, faz-se necessário ao pesquisador conhecer a epistemologia da sua pesquisa, pois esse saber fundamenta também sua prática em suas ações cotidianas e em suas insubordinações. Enquanto pesquisadores, temos que estar atentos e em constante reflexão à procura do conhecimento, buscando manter esse perfil crítico, investigativo e questionador.

E é nessa tomada de consciência do ser e agir como um Pesquisador que a Insubordinação nos convida a nos estranharmos mais e a buscar elementos e temas que não são/estão óbvios. É agir como a criança que, curiosa, sempre pergunta “por que” e qual o nome das coisas. E assim, compreendemos que o nosso trabalho do educador não é servir ao sistema sem questionar o que percebemos que não está correto ou que não funciona naquele contexto específico e, neste sentido, que o papel de cada indivíduo se dá de acordo com suas potencialidades e bagagens, assim como a Insubordinação Criativa defende, onde

Aventurar-se a pesquisar é explorar o desconhecido, é investigar por possíveis mistérios, é mergulhar em ondas imprevisíveis! Investigar é buscar o prazer da descoberta, do confronto com o novo e a liberdade de trilhar caminhos que ainda não foram percorridos ou de alterar o projeto durante o percurso. São ações assim que permitem a quem pesquisa a ousadia criativa. Imergir em uma onda que está sujeita a ventos oriundos de diferentes direções é considerar a diversidade de contextos nos quais mergulhamos para buscar evidência que irão nos surpreender e abalar nossas verdades. Seremos provocados a

desvendar o que emerge de movimentos marcados pela diversidade e pelo tempo que define o momento (D'AMBROSIO e LOPES, 2015, p. 12).

Logo, o conhecimento autêntico é produzido pelo próprio homem, indivíduo que atua e pesquisa, na e pela reflexão-ação, na busca epistemológica. Como Freire (2007) trata em sua obra *Pedagogia da Autonomia* e nos convida a nos questionar como quem olha para essa sua busca e curiosidade pelo conhecimento e se perguntar: Que possibilidade tenho de me expressar? Que possibilidade tenho de crescer diante do que vem da minha curiosidade? Segundo ele, ao nos assumirmos epistemologicamente curiosos nessa busca, faz-se necessário também a humildade epistemológica. Logo, essa humildade é vista como uma virtude pedagógica; um valor ao mesmo tempo ético, político e epistemológico e sua ausência significa a emergência da arrogância e a falsa superioridade. Como já dizia Borba (2004), a escolha da pergunta de pesquisa já é em si um ato embebido de subjetividade. E nesse sentido, podemos nos questionar, também, sobre que possibilidade eu tenho, enquanto pesquisador, de fazer diferente? De escrever do meu modo? De ousar na hora de apresentar minha pesquisa?

É fato que as formas de “leitura do mundo” dependem fortemente do ponto de vista ou do referencial do observador e podem se diferenciar fortemente em função de classes sociais, gênero, idade, modos de vida próprios de uma mesma cultura ou do encontro de diferentes culturas (FREIRE, 1987).

Borba (2004) em "*Construindo pesquisas coletivamente em Educação Matemática*" afirma que não existe uma receita pronta para a realização de pesquisas nessa área, a realização de uma pesquisa qualitativa é mais do que a simples utilização de técnicas uniformes, pois ela exhibe a complexidade de interações.

Falando em pesquisa, quando escolhemos tecer uma tese no viés da Insubordinação Criativa na área da Educação Matemática, nos comprometemos com o “Pesquisar”, o que Garnica, nos orienta: “...mantendo uma postura rigorosa, séria, sistemática, de disposição a uma busca, na realidade interminável, numa atitude de rodeamos aquilo que pretendemos conhecer” (GARNICA, 1999, p. 9).

E assim, diante desse processo de fazer a pesquisa, surge também a etapa de escrita da pesquisa, onde o Pesquisador, diante do contexto que se encontra, sua área de atuação, se coloca

nesse rico processo de construção, onde fazer pesquisa é se surpreender a todo instante, é encontrar mais dúvidas do que respostas às perguntas que nem haviam sido formuladas.

Freire (2003) explica que somos sujeitos históricos, e, portanto, refletimos em nossa leitura e escrita, aquilo que somos no momento e o que fazemos. Acreditamos que todos nós nos desenhamos a partir de nossos fundamentos e autoconhecimentos. Pesquisar é, acima de tudo, expor e refletir sobre nossos conhecimentos, angústias, incertezas, contradições, crenças, enfim sobre a nossa vida, onde o pesquisar é algo a mais, não ficando apenas naquilo que existe em nós, pois quando se realiza o exercício da escrita reflexiva, além de apresentar o que se pensa e avançar em relação ao que se pensa também nos ampliamos nesse movimento, na construção de novas aprendizagens durante todo o processo do fazer a pesquisa, pois a pesquisa vive.

Logo, a materialização da pesquisa se dá, também, na nossa forma de escrevê-la e apresentá-la. Mutti e Klüber (2018), salientam que nos programas de pós-graduação brasileiros, os formatos que mais se destacam, são o monográfico (que também é chamado como tradicional) e o *multipaper* (chamado de formato alternativo). Para os autores é:

Inerente ao movimento de trazer à vista está a escolha por um modo de dizer que se constitui particular a cada pesquisador, alinhado à perspectiva de pesquisa que assume e as diferentes possibilidades de formato para publicação que se abrem dos regulamentos dos programas de pós-graduação *stricto sensu* aos quais estão vinculados (MUTTI e KLUBER, 2018, p. 3).

Vale destacar que o formato *multipaper* também é considerado como um formato Insubordinado, inclusive abordado por Barbora (2015), dito como coleção de artigos. Aqui, nesta oportunidade de escrita nós também

Denominaremos de *formatos insubordinados de dissertações e teses* aqueles que rompem com a representação tradicional da pesquisa educacional nestas modalidades de trabalhos acadêmicos. Assumo o pressuposto de que autores que aderem a esses formatos possuem razões fundamentais para tais escolhas (BARBOSA, 2015, p. 350).

Miarka e Fernandes (2015) abordam sobre a estética na/da pesquisa em Educação Matemática, discutindo movimentos de Insubordinação Criativa na escritura das pesquisas. Os autores destacam que existe uma certa tradição na forma de escrever e apresentar as pesquisas, que vem imposta dos grandes manuais de pesquisa e quando pensamos na possibilidade de fazer diferente, nos Insubordinando Criativamente nesse sentido, podemos ser julgados pelos critérios de legitimidade e qualidade da pesquisa.

Pensar a estética na/da apresentação da pesquisa em Educação Matemática é, pois, discutir dois aspectos que estão aquém e além da forma. O primeiro, considerar a estética na pesquisa em Educação Matemática, contemplando os modos como as diversas formas de expressão do meio acadêmico agenciam as produções de sentidos diversos - pensamentos, sensações, inquietações, questionamentos -; e, no segundo, a estética da pesquisa em Educação Matemática, um olhar sobre o modo como essas formas de expressão passam por regimes de julgamento que definem, fundamentam, a legitimidade e a qualidade dessas formas (MIARKA e FERNANDES, 2015, p. 142).

Nessa linha de discussão, Miarka e Fernandes (2015) trazem algumas teses, dentre elas de Déia Nunes Fernandes (2011), Sônia Clareto (2003) e Carlos Roberto Vianna (2000); pesquisadores que segundo eles, se Insubordinaram Criativamente na hora de escrever e apresentar suas pesquisas.

Fernandes (2011) adota a escrita epistolar. Sua tese é composta por vinte cartas em que a autora se correspondia com um historiador fictício. Nesta pesquisa, “As cartas não são, portanto, apenas convites para novas experiências estéticas, mas também éticas e políticas: são possibilidades de abertura de sentidos em novos horizontes epistemológicos” (MIARKA e FERNANDES, 2015, p. 146).

Já a tese de Clareto (2003) é construída de cinco pontes e quatro margens, metáforas inspiradas na própria cidade onde se dá sua pesquisa, além disso, ela fez uso de *hyperlinks* e, duas mídias são utilizadas, em papel e em *compact disk*.

Ao justificar tal escritura fora dos moldes tradicionais, Clareto indica, inicialmente, a necessidade de se desvencilhar de uma lógica que não cabia ao modo como compreendia sua pesquisa e a possibilidade de propiciar ao seu leitor uma leitura coerente com as ideias que baliza em seu texto (MIARKA e FERNANDES, 2015, p. 149).

E indo além, poderíamos nos questionar se uma tese pode ser escrita na forma de ficção? Vianna (2000) rompe completamente com o esperado dos padrões de um texto acadêmico articulando diversos recursos narrativos e faz questão de convidar o leitor a participar da elaboração de sua pesquisa.

Nesse jogo realidade-ilusão, Viana parece verter o próprio sentido de pertencimento à Educação Matemática, colocando em xeque a fronteira entre seu interior e exterior, como as faces de uma mesma moeda, que poderiam ter sido lançadas ao acaso ou recolhidas mediante circunstâncias temporárias e históricas situadas (MIARKA e FERNANDES, 2015, p. 154).

Diante desses exemplos, podemos nos questionar, enquanto pesquisadores, se estamos dispostos a sair da zona de conforto, do que já é esperado pela academia enquanto forma e estética de pesquisa. Os exemplos exibidos acima são provocações que trazemos aqui, como um convite, para que outros possam também, se Insubordinar Criativamente, diante de suas investigações e possam estar abertos para o novo, enquanto forma e conteúdo.

3. A ESCRITA DE CARTAS

Segundo Lewis Carroll (2010), o homem é um animal que escreve cartas e nesse viés, o autor não só aponta a importância da correspondência na vida dele mesmo, mas também, se coloca como alguém que sugere um papel primordial do gênero na construção e expressão da identidade humana. Valentim (2006) também destaca que durante anos a carta foi o principal meio de comunicação à distância.

Watt (1996) afirma que a carta “é sempre particular, pois se refere a uma circunstância específica para um destinatário também especificado no estilo e relaciona-se a um evento particular, tratado de uma perspectiva também particular.” Para ele, o uso das cartas para estruturar uma narrativa permite que o leitor se aproxime mais da consciência íntima, onde o objetivo é partilhar com seus(s) interlocutor(es) seus pensamentos e atos cotidianos. Logo, a

carta, como uma estratégia narrativa, pode revelar o que há de mais íntimo, ali, o espaço privado pode ser exposto, desvendando os segredos de um “eu” singular.

Valentim (2006) defende que o processo de escrita obedece a um percurso de (auto)resgate: o seu texto em espaço de reconstrução de uma memória. Logo, as cartas, quando lidas em conjunto, revelam a transformação do pensamento em verbo. Temos consciência que a leitura das cartas, mesmo quando realizada de forma responsável, sempre será de um ponto de vista distante, por um sujeito externo, mediado pelo tempo e o espaço, o que certamente diferencia a forma da escrita, o suporte usado e os significados da visão de mundo desses que as escreveram.

Nessa linha de pensamento, Boff (1999) afirma que todo ponto de vista é a vista de um ponto, e nesse sentido, ler significa reler e compreender, interpretar. Cada um lê com os olhos que tem e interpreta a partir de onde os pés pisam, logo, todo ponto de vista é um ponto. Assim sendo, para entender como alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e qual é sua visão de mundo, o que faz da leitura sempre uma releitura. Para o autor, a cabeça pensa a partir de onde os pés pisam. Para compreender, é essencial conhecer o lugar social de quem olha. Vale dizer: como alguém vive, com quem vive, que experiências têm, em que trabalha, que desejos alimenta, como assume os dramas da vida e da morte e que esperanças o animam. Isso faz da compreensão sempre uma interpretação. Assim sendo, as cartas somente apresentam o homem situado no mundo, em face das coisas, agindo e relacionando-se com elas, pois:

Quem narra os acontecimentos é o próprio signatário da carta, transpondo para o papel aquilo que lhe acontece, o que ele pensa e sente. apresentando sua experiência, sua vivência com todos os seus condicionamentos, suas incertezas e limitações (GARCEZ, 1971, p. 51).

Diante disso, a leitura das cartas, de forma responsável, quando feita de um ponto de vista distante, por um sujeito externo, mediado pelo tempo e o espaço, o que certamente diferencia a forma da escrita, o suporte usado e os significados da visão de mundo desses autores. Compreendemos que não há uma leitura única dos enunciados das cartas e apresentamos, neste trabalho, a tradução de uma das inúmeras possibilidades de leitura, porque

nenhum enunciado em geral pode ser atribuído apenas ao locutor: ele é produto da interação dos interlocutores e, num sentido mais amplo, o produto de toda esta situação social complexa, assim como teceu Bakhtin (1981).

Se recorrermos ainda à Michel Foucault, temos que “A carta torna o escritor ‘presente’ para aquele a quem ele a envia” (2004, p. 156). Como Melo (2008) exhibe em sua pesquisa, a escrita de cartas pode se configurar como uma resistência, seja uma resistência quanto às próprias tecnologias modernas que se “comunicam”, descartam e “deletam” com o apertar de uma tecla. Uma linguagem que permanece, que preserva, que valoriza a memória, que pode eternizar uma experiência, ou simplesmente pelo fato de resistir para poder narrar, seja para escrever de si, escrever sobre o mundo, sobre a Educação. É uma forma também de apropriar-se de sua história, das histórias dos outros e do mundo. Tal como as cartas que só têm sentido pelo que enviam, um meio transmissível para o compartilhar de experiência.

Seguindo nas obras freireanas, ao nos debruçarmos no livro *Cartas para Cristina* de Paulo Freire (2003), com espírito de abertura às subjetividades que nos convencemos que essa possibilidade de apresentação era caminho para nós, em uma tese na Educação Matemática, que versa sobre Insubordinação Criativa; e com essa disposição, que nos dedicamos as cartas, pelo que podem revelar quanto aos sentidos atribuídos à participação política; às subjetividades que expressavam, em última instância; às utopias que alimentam a vida e o desejo de ser mais, pelas experiências em que se aprende cotidianamente, no incondicional inacabamento humano, como belamente nos alertou Paulo Freire. É com essa intenção que entendemos possível se dedicar às cartas na apresentação e produção de uma pesquisa.

Acreditamos ser imprescindível entender, enquanto pesquisadores, nossas perspectivas, anseios, medos, inseguranças, certezas e incertezas e, a partir disso construir alternativas, descortinar possibilidades e percorrer novos caminhos e novas possibilidades de apresentação da tese, buscando assim “um gênero de pensamento e de escrita que pretende questionar e reorientar as formas dominantes de pensar e de escrever em um campo determinado” (LARROSA, 2002, p.35).

Nesse sentido, Gular afirma que “escrever é inventar-se e inventar um mundo que só existe ali, no texto, mas que, por imaginário que é, passa a constituir o nosso mundo, todo ele

inventado” (GULAR, 2007, p. 28). Zanlorenzi (2009) reforça que o ato de escrever potencializa a nossa capacidade de imaginar e de nos reinventarmos a nós mesmos e a nossa vida. Também Coelho (2011) ao tratar sobre a pedagogia da correspondência usada por Paulo Freire em suas obras, salienta que:

[...] A escolha pelo gênero carta de escrita, seja na correspondência concreta, seja sob a forma fictícia, traduz uma preocupação com a intimidade. Mas acima de tudo, traduz uma preocupação com a simplicidade e a intimidade. Mas, acima de tudo, traduz a preocupação dele com a dialogicidade, pois este formato de escritura exige, ou pelo menos espera respostas do interlocutor. É um gênero antibancário, dialogal, pois quem o usa não quer dar lições, nem depositar, informar o outro, mas com ele conversar (COELHO, 2011, p. 92).

Diante disso, compreendemos que ao escrevermos cartas para apresentar a pesquisa, estaremos nos dedicando a um dos gêneros em que melhor se pode observar como o homem, como um ser que escreve, faz uso da língua escrita como um instrumento de diálogo de acesso à informação, expressão e defesa de pontos de vista e partilha, construção de visões de mundo e, também, de resistência, por meio da interação à distância entre os correspondentes. Rezende (2019) salienta que, quando usamos cartas para apresentar nossas pesquisas, a intenção é causar um afastamento das práticas automáticas de escrita e leitura acadêmica, a fim de compreender os bastidores que as constituem.

Nessa estética, que também é ética, o que se imprimem/exprimem deles? Partindo desses questionamentos como dispositivos, busco refletir neste artigo sobre a escrita acadêmica, focando nas implicações epistemológicas existentes entre a forma e o conteúdo. O gênero acadêmico é técnico e regulado e, portanto, busca negar uma escrita pessoal, emotiva, de experiências subjetivas. Ademais, menos que uma tentativa de universalizar uma forma, é a negação de alguns conteúdos e temas, que somente são passíveis de materialização sobre uma estética Outra. Ao refletir sobre essas questões, utilizo a minha própria escrita para isso. Desse modo, escolho uma escrita epistolar (REZENDE, 2019, p. 1).

Nesse viés de pensamento, de uma estética livre, criativa, dialógica e responsável, é que apresentamos o uso de cartas como uma possibilidade de apresentação da pesquisa no formato Insubordinado Criativo.

4. DIALOGICIDADE COMO UM CRITÉRIO PARA A ESCOLHA DO FORMATO DE APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

Como comentado, o formato de um texto acadêmico não reflete somente nossas influências teóricas, pois este é um meio de expressão; que reflete como o pesquisador pensa, e quais são os alimentos (leituras e teorias) que os tornaram quem ele é. Sendo assim, tão importante quanto o formato escolhido para apresentação do texto acadêmico é também as aberturas de diálogo que nele construímos com o nosso leitor.

Essas aberturas para o diálogo podem se dar de muitas maneiras, mas ao pensarmos na prática libertadora da escrita acadêmica faz-se necessário refletirmos, também, sobre a importância do diálogo como fenômeno humanizador que permite, segundo Freire (1979), dentre várias coisas, a transformação da realidade. Por isso, aqui vamos trazer a dialogicidade como um critério para a escolha desse formato de apresentação da pesquisa e faremos isso, alimentados pelas ideias freireanas.

Temos consciência de que quanto mais ativo o indivíduo - sujeito pesquisador - estiver na investigação de sua temática, mais apropriado e consciente ele estará de sua realidade. Logo, partimos da premissa de que um pesquisador reflexivo está estruturado no diálogo. Freire (1979) afirma que o diálogo como fenômeno humano está fundamentado na palavra como verdade que conduz o indivíduo à práxis com vistas à transformação de sua realidade.

Para tanto, na dialogicidade estão presentes duas dimensões indispensáveis nessa possível construção do diálogo: a ação e a reflexão. Nessa linha de pensamento, Freire (1979, p. 78) explica que “não é no silêncio que os homens e as mulheres se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão”. Essa ideia, apresentada por Paulo Freire, salienta que é pelo diálogo que o homem se relaciona com o próximo, estabelece conexões, discute sobre a realidade que o cerca. O homem e a mulher são seres sociais e como seres sociais necessitam

da ajuda um do outro para aprender. Nesse sentido, Freire (1979) salienta que, a relação dialógica não anula, como às vezes se pensa, a possibilidade do ato de pensar, mas que o ser dialógico é não invadir ou manipular a realidade e sim, empenhar-se na transformação constante da realidade.

Logo, o diálogo é um movimento que pode gerar esperança. Nesse sentido, pensando no contexto que nos propomos nesta oportunidade de escrita, pensar a dialogicidade num texto acadêmico, mais especificamente na apresentação de uma pesquisa de tese, visualizamos essa intenção de construção de diálogo com o leitor como uma busca para compreender a teia do entrelaçamento que nos leva a construir uma nova unidade, segundo a percepção da realidade em sua totalidade e em movimento. Em especial, quando pensamos na escrita de cartas, a dialogicidade é de fundamental importância para o seu desenvolvimento, uma vez que é por meio dos diálogos estabelecidos com o leitor, que o mesmo pode chegar a uma compreensão mais completa da ideia da pesquisa.

Nesse sentido, Gadotti (1989) afirma que o diálogo existente nesta sociedade capitalista é o das elites, mas ele acontece de forma vertical, o discurso vem de cima para baixo e é reproduzido pela sociedade de forma alienada, por não possuírem uma consciência crítica. É dessa forma que o/a aluno/aluna é tratado/tratada, como um ser que não pensa, por isso o/a professor/professora profere um discurso verticalizado e o/a aluno/aluna permanece passivo/passiva, por acreditar ser incapaz de ter algo a acrescentar no processo de aprendizagem. Nesse sentido, podemos reconhecer esses mesmos fatores num texto acadêmico tradicional; fatores estes que, na maioria das vezes, criam um distanciamento entre pesquisador e leitor.

Quando pensamos na utilização de cartas na apresentação da pesquisa, buscamos criar um diálogo em uma relação horizontal e não vertical entre pesquisador e leitor e, nessa intenção de apresentação da tese na Estética Epistolar, o diálogo é de fundamental importância. E como haver diálogo sem palavras, sem reflexão, sem a expressão da escrita tal qual o pesquisador sente pulsar em si?

Os meus pensamentos, lembranças e vivências se entrelaçam em um movimento de reviravolta contínua, selecionando tudo aquilo que sempre aprendi na carreira acadêmica a evitar e a não fazer. Aprendemos que o que é “supérfluo” e ordinário não é digno de preocupação e nem é legítimo. Assim vamos aprendendo a classificar e a hierarquizar a importância das coisas. Isso se reflete no processo da escrita, da pesquisa e da vida. Isso se reflete diretamente na produção, disseminação e assimilação do conhecimento. Quanto mais afastamos as banalidades e as emoções da pesquisa e da escrita, mais somos vistos como profissionais e competentes. Note também que não são todas as emoções que precisam ser afastadas, há uma hierarquia nessa lógica, que é uma lógica cartesiana. Existem emoções positivas e potentes para a ciência, como a emoção da descoberta, da segurança, do fazer produtivo. Em contrapartida, existem aquelas emoções que desestabilizam, emoções de insegurança, dúvida, emoções de um corpo que escreve em meio às crises políticas, pessoais e existenciais. Essas emoções não são bem-vindas ao fazer científico. Não é possível que você não sabe fazer pesquisa e escrever sem ser dominada por essas bobagens! (REZENDE, 2019, p. 4).

Isto posto, à luz do pensamento Freiriano, também chamamos a atenção para a palavra sem reflexão de palavra oca e, por isso, alienada e alienante, que nada acrescenta no diálogo. Como afirmou Freire (2013), a ação sem a reflexão é ativismo e impossibilita o diálogo. É nesse sentido, que o homem não poderia existir no mundo em silêncio, pois é necessário se pronunciar no mundo e o mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles um novo pronunciar.

Poderíamos também buscar uma justificativa para a superação da pedagogia do silêncio, que oprime educandos e educadores, onde encontramos a importância do diálogo verdadeiro como base para uma educação que liberta e que problematiza, de modo que humanos possam interagir entre si e com o mundo através do diálogo (FREIRE, 1979). Cabe aqui destaque de que o diálogo verdadeiro, segundo Freire (2007), apresenta contribuições para o desenvolvimento crítico e reflexivo.

Consideramos que as práticas alicerçadas na dialogicidade rompem com as rotinas que, muitas vezes, são impostas pela academia de forma tão “natural”. Garnica (1997) tem ressoado nas investigações na área da Educação Matemática o objetivo de romper radicalmente com a hegemonia das concepções clássicas, logo, faz-se necessário utilizar abordagens que possibilitem compreender esse processo que é dinâmico. E nós, enquanto pesquisadores,

reconhecemos as influências do paradigma do silêncio durante toda vida acadêmica e, de modo particular, na prática docente. Entretanto, romper com esse silêncio e buscar de maneira sólida a construção desse espaço de dialogicidade na apresentação de um texto acadêmico também é nosso dever, enquanto educadores que estudam, pesquisam, refletem e dialogam e, objetivando que esta experiência favoreça a criação de outros processos democráticos de diálogo:

[...] trabalhamos, trabalhamos, trabalhamos e frequentemente não vemos resultados. Muitas vezes, podemos perder as esperanças. Em tais momentos, não há solução e podemos até nos burocratizar mentalmente, perder a criatividade, arranjar desculpas, tornar-nos mecanizados – isso é a burocratização da mente, uma espécie de fatalismo (FREIRE e SHOR, 2008, p. 89).

Assim, seguimos buscando inquietar, procurando ver aproximações e incompletudes, ao nos colocarmos como sujeitos no mundo que somos, permanentemente inacabados, infinitos, nos movendo para continuar a transitar, criticamente, pelo mundo, desvendando-o e desvelando-o diálogo aberto e estranhamento. Nesse sentido, defendemos que a construção desse diálogo pode se dar no tecer da pesquisa, em especial quando nos permitimos questionar nossa própria forma de escrita e a sua forma de apresentação.

5. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Buscamos exhibir neste texto nossa intenção de nos Insubordinarmos Criativamente quanto ao formato de apresentação da pesquisa, em especial, no nosso caso, de uma tese em Educação Matemática. Justificamos aqui, nossas escolhas e mostramos nossos caminhos até nos definirmos por usar cartas para apresentar a pesquisa. O anseio é que, mostrando nosso percurso, possamos motivar outros pesquisadores a se Insubordinarem Criativamente, quanto à escrita e apresentação de suas pesquisas. Assim, tratamos neste texto, sobre o uso de cartas em si e, navegando em águas freireanas, mostramos a dialogicidade como uma das possibilidades de resultado desse formato de apresentação e escrita escolhido.

Ao escrever esse texto, fica latente em nós o quanto o uso de carta é algo que se mantém vivo, pois se reinventa constantemente. Para nós, o desejo de trabalhar com as cartas veio da possibilidade de nos enxergarmos como sujeitos que exploraram e participaram de um momento histórico, usando as cartas como forma de expressar desejos de mudança e esperanças pessoais e coletivas. Sendo assim, para nós, essa escolha se consolida como um formato de apresentação do texto acadêmico que é elástica na sua forma (seja enquanto poesia ou prosa), permitindo ao escritor/pesquisador, trabalhar com a escrita como uma função de resgate e de resistência, pois cada carta também é uma metonímia: são partes que se juntam para recompor o todo, sua essência momentaneamente perdida.

Nesse sentido, essa escolha de apresentação é também uma atividade crítica que precisa enfrentar e afrontar continuamente o que é comum na academia, por isso, consideramos esse formato de apresentação como uma Insubordinação Criativa. Salientamos que para nós, do nosso lugar de fala, enquanto pesquisadores e educadores da área da Educação Matemática, essa escolha de formato de apresentação se configura, sim, como um ato de resistência, mas ao mesmo tempo, como um ato de amorosidade e esperança, na busca de deixar nossa pesquisa mais aberta para quem a recebe. Pois,

Enquanto leitores, não temos o direito de esperar, muito menos de exigir, que os escritores façam sua tarefa, a de escrever, e quase a nossa, a de compreender o escrito, explicando a cada passo, no texto ou numa nota ao pé da página, o que quiseram dizer com isto ou aquilo. Seu dever, como escritores, é escrever, simples, escrever leve, é facilitar e não dificultar a compreensão do leitor, mas não dar a ele as coisas feitas e prontas (FREIRE, 1993, p. 30).

Defendemos que utilizar esse formato para apresentar uma pesquisa, pode abrir caminho para uma apresentação que torne o diálogo com o leitor mais próximo, aberto e fluido; tornando o humano mais próximo da experiência do compartilhar, da expressão e expressividade, da imaginação e criatividade, uma vez que a experiência do diálogo nos permite sermos provocativos, chamar o outro para conversar, proporcionar incertezas, sermos rigorosos, mas também, nos permite exhibir nossas fragilidades. E além do mais, o texto, após publicado não é mais nosso (do sujeito que pesquisa e escreve), a produção passa a ser da comunidade acadêmica e de todos que porventura vierem a se interessar pela temática ali abordada.

É por isso que defendemos uma apresentação para a pesquisa que inspire aberturas e diálogos. Como afirmou Freire (2007) de que quando falamos somos o leitor um do outro, leitores de nossas próprias falas, somos estimulados a pensar e a repensar o pensamento do outro:

É a essa tarefa que se dedica o pesquisador ao escrever sua tese, a de dizer textualmente de seu objeto de estudo, buscando evidenciar suas especificidades, sua estrutura constitutiva, sua essência a partir da perspectiva em que o visa, delineando um movimento de escrita lúcido e minucioso, de tal modo que seja lançado ao leitor um convite ao diálogo, à aproximação, ao sentir-se intrigado, à instauração de novas interrogações que vão se explicitando à medida que ele se vê submerso nas discussões e reflexões esboçadas pelo pesquisador em seu texto (MUTTI e KLÜBER, 2022, p. 40).

Ainda, nesse sentido, acreditamos que essa escolha de apresentação é, também, uma possibilidade de postura libertadora, frente ao modelo que muitas vezes é imposto na academia. Essa ruptura do tradicional, enfatizando o modo pelo qual a educação se relaciona com a mudança social, faz real sentido para nós, enquanto Educadores Matemáticos que somos. E assim, os “temores” e os “riscos” da transformação, devem ser encarados sem medo, pois ele “imobiliza” e estagna os sujeitos “aprendentes”. Assim, defendemos que não devemos negar o medo, mas cultivá-lo, pois “[...] o medo vem de seu sonho político, e negar o medo é negar os sonhos” (FREIRE, 2008, p. 70).

Portanto, trabalhamos nesta possibilidade, de mostrar as intensidades do sujeito e na invenção de novas possibilidades de expressão e escrita, destas intensidades no mundo, pois acreditamos que a pesquisa deve possibilitar ao sujeito a produção de um estilo singular para a sua existência calcada nas ideias de estilo, autoria e criatividade, tão caras a qualquer tipo de construção e expressão, e que, deve trabalhar, também, na possibilidade de deixar a subjetividade aparecer, a partir da construção de caminhos possíveis.

Fica, portanto, o alerta, de que não desejamos aqui, produzir métodos, fórmulas ou receitas, indicando ser o melhor caminho ou única possibilidade de apresentação de tese, mas sim, tatear o caminho de novas passagens e possibilidades, segundo a nossa vivência; que é singular e única, baseados nas necessidades que tangem nossa investigação: Insubordinação

Criativa na Educação Matemática. Portanto, os anseios aqui exibidos, vêm no sentido de exibir uma tese na Educação Matemática, que preserve o singular de quem a escreve, que possa exibir as resistências, os medos e ousadias de quem a escreve. Que possa mostrar a narrativa de uma Educadora e Pesquisador que participa, que responde a um chamado democrático, porque luta na possibilidade de mais justiça social. Pois como afirmou Freire (2008), “é impossível ensinar sem ousar!”.

Assim, apesar da nossa motivação partir do desejo de apresentar uma tese usando cartas para sua apresentação, defendemos o uso desse como uma forma insubordinada criativa de apresentar uma pesquisa, seja ela qual for - um artigo, uma dissertação ou uma tese. Pois,

A insubordinação, como a penso, implica essas irreverências como um estado de coisas que toma como “natural” um cotidiano que promove a irreflexão, no qual “é assim” se torna “tem que ser assim”. Insubordinação implica subversão, implica uma aposta no novo, no diferente e na insatisfação com relação tanto ao que é quanto ao que pode ser, aquilo que, tem sido criado por ações insubordinadas, não pode ser aceito como natural e permanente. Uma insubordinação criativa, portanto, exige uma postura alerta, pois tudo que se fez novo pode - ou deve - se desfazer nesse nosso mundo de constantes mudanças. Talvez um insubordinado criativo nunca seja, em definitivo, insubordinado criativo: num perigoso gerúndio, ele sempre está sendo (D’AMBROSIO, 2014, p. 18-19).

Por fim, defendemos, então, que pensar na estética de apresentação da tese não é mera perfumaria ou algo que não está no terreno do essencial, como se conteúdo e forma não pudessem dialogar e compor em conjunto. Essa separação não cabe para nós. Acreditamos que forma é conteúdo e conteúdo é forma, onde o pesquisador deve buscar ser livre como artista na hora de escolher como tecer sua tese, pois pesquisar é mostrar a nossa intenção pela escrita; mostrando “que, às vezes, podemos nos permitir buscar caminhos nem sempre convencionais e defender ideais que dizem muito do que somos, como pesquisadores” (FERREIRA, 2019, p. 38).

Em suma, ao tecer esse artigo “o que reivindicamos, sem síntese, é que, cada vez mais, tenhamos espaços onde a insubordinação criativa seja consentida e propagada” (D’Ambrosio e Lopes, 2015, p. 40). Assim, esperamos aguçar, de algum modo, que outros pesquisadores

possam ousar e se Insubordinarem Criativamente, quanto à escrita e apresentação de suas pesquisas.

REFERÊNCIAS

ASSEMANY, Daniella. **Insubordinação criativa, auto(trans)formação docente e conexões matemáticas: engendrando saberes na autoformação de professores portugueses.** Tese de doutorado. Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, Portugal, 2020. Disponível em: <<https://hdl.handle.net/10216/126216>>. Acesso em: 15 dez. 2020.

BARBOSA, Josâne. Geralda. **O conceito de insubordinação criativa na educação matemática brasileira.** Revista @mbienteeducação. São Paulo: Universidade Cidade de São Paulo, v. 14, n. 1, p. 70-87 Jan/Abr 2021. 2017.

BRIÃO, Gabriela. Félix. **Eu, uma professora de matemática em jornada narrativa em busca de meus eus-professores em autoformação.** 2017. 322 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – UNESP, Rio Claro, 2017.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** 2ª edição. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1997.

BARBOSA, Jonei. Cerqueira. **Formatos insubordinados de dissertações e teses na Educação Matemática.** Vertentes da subversão na produção científica em educação matemática. Campinas: Mercado de Letras, v. 1, p. 347-367, 2015.

BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha.** 4. ed. Sextane, 1999.

BORBA, Marcelo de Carvalho. **A pesquisa qualitativa em Educação Matemática.** In: Anais da 27ª reunião anual da ANPED. Caxambu, MG, 21-24 Nov. 2004.

CARROLL, Lewis. **Aventuras de Alice no País das Maravilhas; Através do Espelho e o que Alice encontrou por lá.** Rio de Janeiro: Zahar, 2010. 317 p. Ilustrações originais de John Tenniel; Tradução de Maria Luiza Xavier de Almeida.

CLARETO, Sônia Maria. **Terceiras margens: um estudo etnomatemático de espacialidades em**

Laranjal do Jari (Amapá). 2003.

COELHO, Edgar Pereira; FREIRE, Paulo. **Pedagogia da correspondência: Paulo Freire e a educação por cartas e livros**. Liber Livro, 2011.

D'AMBRÓSIO, Beatriz. LOPES, Celi. Espasandin. **Ousadia Criativa nas Práticas de Educadores Matemáticos**. (Org.). Campinas, SP: Mercado das Letras, 2015.

D'AMBRÓSIO, Beatriz. **Trajetórias ousadas nas investigações da educação matemática brasileira**. In: D'AMBROSIO, B. S.; LOPES, C. E. (Orgs.). Vertentes da subversão na produção científica em Educação Matemática. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014.

D'AMBRÓSIO, Beatriz. **Vertentes da subversão na produção científica em Educação Matemática**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015.

FERNANDES, Déa. Nunes. **Sobre a Formação do Professor de Matemática no Maranhão: cartas para uma cartografia possível**. 2011. 389 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Educação Matemática, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro (sp), 2011.

FERNANDES, Déa. **Sobre a Formação do Professor de Matemática no Maranhão: cartas para uma cartografia possível**. 2011. 388f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista/ UNESP, Rio Claro, 2011. (Orientador: Antonio Vicente Marafioti Garnica). Boletim de Educação Matemática, vol. 27, núm. 47, diciembre, 2013, pp. 1027-1032. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho Rio Claro, Brasil.

FERREIRA, Fernanda Aparecida. **Insubordinação criativa na elaboração de um percurso metodológico de pesquisa qualitativa**. Revista Internacional de Pesquisa em Educação Matemática, v. 9, n. 3, p. 25-39, 2019.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos V: Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária Ltda., 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis**. 2ª ed. São Paulo: UNESP, 2003.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau. Registro de uma experiência em processo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Conscientização. Teoria e prática da libertação.** Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 33 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

FREIRE, Paulo. **Professora Sim, Tia não. Cartas a quem ousa ensinar.** São Paulo, Editora Olho D'água, 10 ed., 1993.

FREIRE, Paulo. SHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor.** 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

GADOTTI, Moacir. **Convite à leitura de Paulo Freire.** São Paulo: Editora Scipione, 1989.

GARCEZ, Maria Helena Nery. **O novo romance em Portugal. 1971. 176f.** 1971. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Literatura Portuguesa). Faculdade de Letras, Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

GARNICA, Antonio Vicente. **Filosofia da educação matemática: algumas re-significações e uma proposta de pesquisa.** In: BICUDO, M. A. V. (Org.) Pesquisa em educação matemática: concepções e perspectivas. São Paulo: Editora da Unesp, 1999.

GARNICA, Antonio Vicente. **Professor e Professor de Matemática: das informações que se tem acerca da formação que se espera.** Revista da Faculdade de Educação. v.23 n.1-2 São Paulo jan./dez. 1997.

GARNICA, Antonio Vicente. "Prefácio". Trajetórias ousadas nas investigações da educação matemática brasileira. In: D'AMBROSIO, B. S.; LOPES, C. E. (Orgs.). Vertentes da subversão na produção científica em Educação Matemática. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014.

GULAR, Ferreira. **Para não Dizer o Dizível.** In: Catálogo da exposição "Clarice Lispector: a hora da estrela", São Paulo: Museu da língua Portuguesa, 2007.

GUTIÉRREZ, Rochelle. **Mathematics teachers using creative insubordination to advocate for student understanding and robust mathematical identities.** In M. Martinez & A. Superfine (Eds.). Proceedings of the 35th annual meeting of the North American Chapter of the International Group for the Psychology of Mathematics Education. Chicago,

IL: University of Illinois at Chicago. 2013.

HUTCHINSON, Sally. **Responsible subversion: A study of rule-bending among nurses.** Scholarly Inquiry for Nursing Practice An International Journal: 1990.

LARROSA, Jorge. **Tecnologias do Eu e Educação.** In: O Sujeito da Educação: estudos foucaultianos. Tomaz Tadeu da Silva. (Org). Petrópolis, RJ: Vozes, 5ª edição, 2002.

MELO, Fabíola Freire Saraiva de. **Cartas: uma possibilidade para o ensino do pensamento fenomenológico.** 2008. 274 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

MIARKA, Roger; FERNANDES, Filipe Santos. **Tecendo uma tese para a estética na/da pesquisa em Educação Matemática: A escritura em questão.** Vertentes da subversão na produção científica em educação matemática. Campinas: Mercado de Letras, v. 1, p. 347-367, 2015.

MONTEZUMA, Luci. Fátima. **Entre fios e teias de formação: narrativas de professoras que trabalham com Matemática nos anos iniciais - constituição da docência e os desafios da profissão na educação pública estadual paulista frente aos programas de governo no período de 2012 a 2015.** 2016. 326 f. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2016.20.

MUTTI, Gabriele de Sousa Lins; KLÜBER, Tiago Emanuel. **Formato Multipaper nos Programas de Pós-Graduação Stricto Sensu Brasileiros das Áreas de Educação e Ensino: Um panorama.** In: V Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos, 2018, Foz do Iguaçu. Pesquisa Qualitativa na Educação e nas Ciências em Debate, 2018. v. V. p. 01-14.

MUTTI, Gabriele de Sousa Lins; KLÜBER, Tiago Emanuel. **Tese no formato multipaper: desvelando uma possibilidade na perspectiva fenomenológica de investigação.** Revista Paradigma, Vol. XLIII, Edición Temática: Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática, pp 36-58, maio, 2022.

REZENDE, Camila Ribeiro de Almeida. (2019). **Escrita Epistolar – cartografias de uma epistemologia feminista.** RELACult - Revista Latino-Americana De Estudos Em Cultura E Sociedade, 5(5). <https://doi.org/10.23899/relacult.v5i5.1444>.

STRECK, Danilo. R.; REDIN, Euclides.; ZITKOSKI, Jaime J. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. rev. e amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

VALENTIM, Claudia Atanazio. **O romance epistolar na literatura portuguesa na segunda metade do século XX**. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 116 fls mimeo. Tese de Doutorado em Literatura Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

VIANNA, Carlos Roberto; MIGUEL, Antonio. **Vidas e circunstâncias na Educação Matemática**. 2000.

WATT, Ian. **A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding**. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

ZANLORENZI, Marcos Aurelio. **O Cuidado de Si e a Autonomia sob um Olhar da Educação Matemática**. 2009. 131f. Tese (Doutorado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná – UFPR, 2009.